

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE DE JARDIM
CURSO DE LETRAS**

CLEONICE DA COSTA GODINHO

**Um Estudo sobre a imagem feminina no Brasil da década de 60 a partir
do texto *Foi Sonho*, de Mário de Andrade.**

Jardim - MS

2006

CLEONICE DA COSTA GODINHO

**Um Estudo sobre a imagem feminina no Brasil da década de 60 a partir
do texto *Foi Sonho*, de Mário de Andrade.**

Trabalho de Conclusão de curso,
apresentado como requisito parcial para
obtenção de grau de licenciatura no curso
de Letras – Habilitação Português/Inglês
da Universidade Estadual de Mato Grosso
do Sul – Unidade Universitária de Jardim.
Sob a orientação da Prof^a. Esp. Rosemere
Almeida Agüero.

JARDIM – MS

2006

FICHA CATALOGRÁFICA

GODINHO, Cleonice da Costa.

Um Estudo sobre a identidade feminina no Brasil da década de 60 a partir do texto FOI SONHO, DE MÁRIO DE ANDRADE.

Jardim, MS: Ed. Autora, 2006.

1. Análise do Discurso; 2. Ideologia; 3. Mulher.

CLEONICE DA COSTA GODINHO

**Um Estudo sobre a imagem feminina no Brasil da década de 60 a partir
do texto *Foi Sonho*, de Mário de Andrade.**

Aprovada em: ___ / ___ / _____

Orientadora: Rosemere Almeida Agüero

Examinador:.....

Examinador:.....

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me ajudado a chegar até aqui;

Ao meu esposo Ronaldo e ao meu filho Lucas pelo apoio e incentivo;

À professora orientadora Rosemere de Almeida Agüero que compartilhou comigo seus conhecimentos e me incentivou no decorrer da pesquisa;

Aos colegas, professores e coordenadores da UEMS pelo apoio;

Agradecimento em especial à minha família por sua compreensão e por ter me ensinado a ser como sou.

A língua não é apenas um instrumento com a finalidade de transmitir informações. É um todo dinâmico que abarca o movimento da sociedade: por isso, é lugar de conflitos. Esses conflitos se “concretizam” nos discursos. Neles, as realizações lingüísticas trazem inscritas as diferenças de interesses, as propostas de direções diversas para o mesmo processo histórico. (BACCEGA, 1995, p. 48)

RESUMO

Propõe-se, neste trabalho, refletir sobre questões teóricas à luz da Análise do Discurso (AD) de origem francesa, preconizada por Michel Pêcheux, acerca dos discursos estereotipados em relação à mulher, que emergem do texto "Foi sonho" de Mário de Andrade e que são um reflexo da sociedade da década de 60, no Brasil. Esses discursos são encontrados nos "vãos escorregadios" da Linguagem nos quais se mostram os lugares de que falam os sujeitos enunciadorees. É preciso considerar que todo discurso é perpassado por uma memória discursiva e, como atesta Michel Foucault (1998) é constituído por um movimento exterior a si; entre outras muitas questões arroladas neste estudo. O discurso social e a memória inevitavelmente são evocados para se pensar a produção dos textos e as formas de subjetivação dos sujeitos na sociedade. Acrescenta-se a isso os procedimentos de controle e dominação, aos quais se opõem diferentes formas de resistência, às vezes de natureza sócio-cultural, como expressão de subjetividades socialmente produzidas e identidades fragmentadas. Este trabalho destina-se à constituição de um espaço para a reflexão de natureza teórica em torno dessas questões.

Palavras-chave:

1. Análise do Discurso; 2. Ideologia; 3. Mulher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I - UMA OPÇÃO PELA ANÁLISE DO DISCURSO DA ESCOLA FRANCESA: PRINCIPAIS CONCEITOS	10
CAPÍTULO II - MULHERES: UMA LUTA HISTÓRICA	19
2.1 O Discurso Feminista no Século XX	24
2.2 Uma Questão de Gênero: o gênero feminino	28
2.3 A Mulher na Sociedade Brasileira	31
CAPÍTULO III - ANÁLISE DO TEXTO <i>FOI SONHO</i>, DE MÁRIO DE ANDRADE	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
Anexo	44

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa se expressa no título: Um Estudo sobre a identidade feminina no Brasil da década de 60 a partir do texto *FOI SONHO, DE MÁRIO DE ANDRADE*.

Este tema mostrará ao interlocutor a visão que os homens do século XX, especificamente no Brasil da década de 60, tinham de suas mulheres, não apenas, no que diz respeito às tarefas diárias atribuídas a essa mulher, mas também de toda a ideologia que cercava a sociedade, perpassada nos discursos expressos na época.

Não há como deixar de salientar umas questões muito importantes, no que diz respeito à identidade do sujeito feminino no século XX. Por que as mulheres, nessa época, eram tão desvalorizadas e desrespeitadas? E mais, qual a imagem feminina que se expressa nos textos da época? Eis algumas questões a que nos propusemos responder ao longo desse trabalho.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é realizar, com base na teoria e nos métodos adotados pela escola francesa da Análise do Discurso, e a partir do texto “Foi sonho”, de Mário de Andrade, uma análise sobre a posição do sujeito-feminino no Brasil da década de 60, procurando identificar qual a identidade assumida por esse sujeito naquela sociedade.

Segundo Orlandi, (2001, p. 77) uma análise se faz por etapas, então, a metodologia utilizada, neste trabalho, foi o emprego do método lingüístico e histórico que busca descrever as sistematicidades lingüísticas e as regularidades discursivas no corpus selecionado, estabelecendo as relações entre a língua, a história, o sujeito e o dizer. Dessa forma, a análise procurou identificar como foram construídos os sentidos, no que dizia respeito à temática estudada.

Metodologicamente em um primeiro momento foi feita a leitura do material teórico para que fosse possível a compreensão do tema proposto.

Na segunda etapa foi feita uma análise minuciosa para que pudéssemos relacionar às formações discursivas existentes e à formação ideológica a que chegamos.

Uma vez que um texto constitui discursos complementares, por meio da

atualização de uma memória comum e da formulação em mesmas formações discursivas, procuramos buscar nele o sentido único observando o emprego de mesmas designações e formações imaginárias comuns que designavam o sujeito do discurso, que neste caso é a mulher.

A representação da cultura masculina nos dá conta de uma sociedade que apresenta a mulher não como protagonista, mas como uma figura pálida, tratada como um ser inferior, que deve obedecer ao poder e a soberania do homem.

A análise do texto *Foi Sonho* de Mário de Andrade, tem como aporte teórico o pensamento de Michel Foucault, Michel Pêcheux, Dominique Maingueneau, Eni P. Orlandi, assim como outros de igual relevância teórica.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo trata de explicitar a opção teórica pela Análise do Discurso da escola francesa e os conceitos na qual se fundamenta.

Procuramos, ainda, rastrear o pensamento de Michel Foucault na perspectiva de compreender a engenhosa decodificação do discurso para o filósofo e suas relações com o poder, por ele postuladas.

No segundo capítulo procuramos fazer um percurso diacrônico da mulher na sociedade moderna, passando pela sociedade brasileira, pelo movimento feminista no século XX e sua evolução, no sentido de demonstrar a sua historiografia, estabelecendo uma genealogia dos discursos acerca do feminismo, sobretudo como ele se organizou ao longo da formação histórico-cultural. Neste capítulo tratamos, ainda, do gênero feminino.

No terceiro capítulo é feita a análise do texto “Foi Sonho”, de Mário de Andrade, salientando a visão que o homem do século XX tinha em relação às mulheres, a partir da materialidade presente no discurso do texto. Durante o trabalho procuramos falar a partir do lugar da teoria dos discursos.

1 - UMA OPÇÃO PELA ANÁLISE DO DISCURSO DA ESCOLA FRANCESA: PRINCIPAIS CONCEITOS

A Linguagem tem princípios que a torna fundamental para todo e qualquer ser. Desde os primórdios, o homem tinha a necessidade de estabelecer relações, de exprimir sentimentos, sensações e estes atos eram feitos através da linguagem, como são feitos até hoje.

A Linguagem está sempre a nossa volta, pronta para envolver nossos pensamentos e ações; é ela que acompanha o ser humano por toda vida. A palavra distingue os homens dos animais, a linguagem distingue as nações entre si.

Desta forma, tem-se a certeza de que sem a linguagem não haveria meios de estabelecer relações, pactos. A história talvez não existisse, assim como não existiria o próprio processo de comunicação.

A linguagem é significativa quando comunica, quando há um processo de compreensão. Sabe-se que o meio social e cultural são fatores que influenciam na linguagem e se o homem tem a necessidade de se comunicar, ele é o maior criador de recursos que auxiliam na produção da linguagem e seu maior recurso para a comunicação é a palavra.

A linguagem é:

a ação transformadora, trabalho (ainda que simbólico), produção social, interação, na medida em que se define na relação necessária entre indivíduo e a exterioridade. A linguagem é um dos elementos constitutivos do processo discursivo o qual se dá sob determinadas condições histórico-sociais e ideológicas.¹

¹ Disponível em:<http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>

Se se tem um conjunto de idéias formado por palavras, pode-se ter um discurso que é uma manifestação textual das formações ideológicas/formações discursivas, não é apenas uma cadeia de enunciados, frases ou palavras que se justapõem. Por formações ideológicas entende-se:

Conjunto complexo de atitudes e de representações, não individuais nem universais, que se relacionam às posições de classes em conflito umas com as outras. A FI é um elemento suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social. Pêcheux (1975) afirma que as palavras, expressões, proposições, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, sentidos esses que são determinados, então, em referência às formações ideológicas nas quais se inscrevem estas posições.²

Quanto às formações discursivas, pode-se dizer que são uma:

Manifestação, no discurso, de uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica. A FD é a matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito (Courtine, 1994), funcionando como lugar de articulação entre língua e discurso. Uma FD é definida a partir de seu interdiscurso e, entre formações discursivas distintas, podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança. Esta noção de FD deriva do conceito foucaulteano (1987) que diz que sempre que se puder definir, entre um certo número de enunciados, uma regularidade, se estará diante de uma formação discursiva. Na AD este conceito é reformulado e

² Disponível em:<http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>

aparece associado à noção de formação imaginária.³

O discurso tem que supor o conjunto das relações sociais que o constituem e que estão inscritas na palavra, matéria-prima de que ele se utiliza.

Para que o discurso tenha um fundamento é preciso haver condições mínimas de entendimento. Se não houver, o ato de comunicação não se efetivará e o discurso se desqualifica.

O discurso não reflete uma situação, ele é uma situação. Ele é uma enunciação que torna possível considerar a voz que o anuncia e o contexto social em que é anunciado.

A Análise do Discurso é uma importante ferramenta para as diversas relações que se deseja fazer em textos diversificados. Com ela e por meio dela, tem-se subsídios suficientes para se elaborar um trabalho coerente e consistente.

O papel da análise discursiva não é tratar da língua, nem da gramática, ela trata do discurso. O discurso é a palavra em movimento, é a prática da linguagem.

No discurso social, a palavra ganha atribuições reais e irrealis que permitem que uma mesma palavra possa atribuir ou sugerir significados sempre novos.

O pensamento manipulador está entre as características da vida cotidiana, o útil é o verdadeiro em razão do critério de eficácia. A vida cotidiana não é o lugar da alienação, embora as diversas formas de dominação e controle procurem transformá-la no lugar privilegiado de alienação, no espaço ideal para que ela se instale.

O discurso tem desde há muito tempo, sido objeto de reflexões no âmbito da filosofia, da lingüística, bem como da própria análise do discurso. Deve-se, aqui, ter uma compreensão de que os discursos se organizam e se desorganizam, mas sempre buscando nova organização e coerência interna para justificar certezas constituídas historicamente. Portanto, quem diz sempre, o faz a partir de um lugar e

³ Idem

uma intenção.

Neste sentido, é importante que se tenha em vista a historicidade do discurso, a sua acomodação às diversas situações para se estabelecer como ato impositivo, ato de verdade e, como não dizer também, de força.

Daí a luta pela sua posse, pois, quem se apodera do discurso se apodera do poder e instaura relações entre quem profere e quem ouve - o Poder da Palavra e a Palavra do Poder, quem tem a palavra, tem poder.

Esta parte do trabalho tenta percorrer as trilhas das análises elaboradas por Michel Foucault, Michel Pêcheux e outros autores.

Reportando -se à Pêcheux:

Michel Pêcheux dá início à Análise do Discurso na França, em fins dos anos 60, como seu principal articulador. Não é à toa, que a época de fundação da Análise do Discurso coincide com o auge do estruturalismo na Europa, sobretudo na França, figurando como verdadeiro paradigma de formatação do mundo, das idéias e das coisas para toda uma geração de intelectuais.⁴

Dessa forma, o preço que os defensores do paradigma estrutural tiveram que pagar foi a constante e deliberada exclusão do sujeito, visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico. Sendo que, somente com o movimento de maio de 68, na França, e as novas interrogações que surgiram no âmbito das ciências humanas é que subverteram o modelo então reinante, trazendo o sujeito para o centro do novo cenário, permitindo-lhe reaparecer.

E é assim que a Análise do Discurso nasce, na perspectiva de uma ação transformadora que visa combater o excessivo formalismo lingüístico vigente, então considerado como uma nova facção de tipo burguês.

Mas é somente no ano de 1969, com a publicação de Michel Pêcheux "Análise Automática do Discurso", além do lançamento da revista "Langages", organizada por Jean Dubois, que se delimita o marco inaugural da AD trazendo o sujeito novamente para análise como objeto científico.

⁴ Disponível em: <http://spider.ufrgs.br/discurso/projetos.html>

A Análise do Discurso Francesa, já se viu e convém ressaltar, caracterizou-se, desde seu início, por um viés de ruptura com toda uma conjuntura política e epistemológica, e por uma necessidade de articulação com outras áreas das ciências humanas, especialmente, a lingüística, o materialismo histórico e a psicanálise.⁵

Outro teórico que também dá sua contribuição para a Análise do Discurso, bem como os outros teóricos, é Foucault. Todos os teóricos fazem reflexões de como emergem determinados discursos em determinadas épocas, como se desfazem e se transformam em outras estruturas aparentemente sólidas, se desfazem novamente e assim, sucessivamente ao longo das transformações históricas.

Essas transformações se constituem em um acontecimento discursivo, um acontecimento tão venerável quanto uma tempestade. Um acontecimento discursivo: qualquer coisa que se solta do “murmúrio anônimo”. As primeiras páginas de A Ordem do Discurso (FOUCAULT, 1998) referem-se a esse murmúrio. Dar conta desse acontecimento e descrevê-lo — descrição que constitui um polimento, uma invenção - eis a tarefa da análise do discurso.

O discurso está sempre determinado pelo tempo e pelo espaço, que definem - numa dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística - as condições de exercício da função enunciativa.

Sabe-se que há o diálogo entre os vários textos, que se chama intertextualidade, que acaba por resultar em uma inter-ação entre os sujeitos. Essa inter-ação ou interação não será, de maneira nenhuma, uma pacificação e um exercício livre das competências dos sujeitos.

Ela será, em vez disso, uma luta pela palavra e com a palavra. A palavra é alvo dos exercícios de poderes que a controlam: os poderes não incidem apenas os corpos, mas também sobre as palavras.

Ninguém diz nada sem ter ouvido dizer — e sem estar neste ou naquele lugar, e sem ser, ele próprio, qualquer coisa diferente dele próprio, muitas coisas

⁵ Idem

diferentes até. Por conseguinte, o discurso é um relacionamento complexo e esse relacionamento define as próprias regras de exercício ou de existência da enunciação e dos enunciados.

A análise enunciativa ou discursiva de Foucault não se vai exercer na forma de uma interpretação, de uma análise do sentido: ela visa descrever aquilo que é efetivamente dito, mas do ponto de vista da sua existência.

A análise enunciativa mantém-se fora de qualquer interpretação. Às coisas ditas, ela não pergunta aquilo que escondem o que nelas e apesar delas estava dito o não-dito que recobrem os pensamentos e as imagens que as habitam.

Mas pelo contrário, pergunta segundo que modo é que elas existem, o que é isso de se terem manifestado, de terem deixado marcas e, talvez, de terem ficado ali, para uma eventual reutilização; e por que elas que apareceram e não outras no seu lugar.

E são justamente estas as perguntas que permanecem mesmo que se possa dizer disso o que quer dizer aquilo - na verdade, sabemos que de uma maneira ou de outra, as coisas ditas dizem muito mais do que elas próprias.

Supõe-se que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por pessoas que querem o poder.

A palavra é alvo do exercício de poderes que a controlam; os poderes não recaem apenas sobre os corpos, mas também sobre as palavras. E isso acontece pela suspeita de que há na atividade discursiva poderes e perigos capazes de transformar a realidade.

E, também, porque o discurso é objeto do desejo, haja vista que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder.

Seguindo, ainda, o pensamento de Foucault (1998) **ORDEM DO DISCURSO OU MICROFÍSICA DO PODER? CUIDADO SÃO DUAS OBRAS DO MESMO ANO** o controle discursivo, para além de ser uma luta simultaneamente pelo poder e contra o poder da palavra, visa também refrear-lhe o acontecimento aleatório.

Diante de qualquer discurso proferido, de qualquer coisa escrita, procura-se de imediato localizá-la, amarrá-la, e isto por intermédio de mecanismos que ligam aquilo que é dito a um sentido daquilo que não é dito, mas, que esclarece, explica a alguém, ou a uma disciplina teórica.

Lembrando Foucault (**idem**) **IDEM E IBIDEM SÓ EM NOTA DE RODAPÉ**
VERIFIQUE QUAL FOI A ABRA a instância do discurso é apresentada enquanto resultado de diversos sistemas de controle da palavra, resultado das mais diversas práticas restritivas da palavra, que podem ser aquelas que limitam o que pode ser dito.

Ou seja, aqueles mecanismos que prendem tudo aquilo que aparece na ordem do discurso a um mesmo texto, autor, disciplinas —, sejam aqueles que, pela instituição de um discurso a repetir, pela constituição de sociedades de discurso, pelo funcionamento doutrinal do discurso, pelas apropriações sociais, limitam os sujeitos falantes.

Por tudo isto, a análise do discurso procura, em suma, encontrar as regras anônimas que definem as condições de existência dos acontecimentos discursivos: as regularidades dessa dispersão de acontecimentos.

Nada é novo debaixo do sol, tudo se renova, tudo se transforma. Até mesmo os discursos são modificações de um discurso já existente. Por isso, é possível reconhecer em um texto a presença de outro – no caso o chamado intertexto.

Essa inter-relação, esse diálogo entre os textos possibilita um melhor entendimento sobre o que se está lendo. Daí, para se fazer uma ligação com o discurso, pode-se dizer que esses mecanismos são essenciais para que o interlocutor compreenda o que se está querendo dizer com determinado discurso.

Segundo Maingueneau (**1984**, p.11 e 12). **TEM CERTEZA QUE O ANO É ESSE.**
POIS NA BIBLIOGRAFIA SÓ TEM 1989, 1996, 2005. CONFIRA!!!

O caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de inter-incompreensão regulamentada . Cada um introduz o outro na sua própria abrangência, traduzindo seus

enunciados nas categorias do Mesmo, e não tem nada a ver com este Outro que ele constrói, sob a forma de “simulacro”[...] a identidade de um discurso coincide com a rede de incompreensão no qual ele é tomado. Não há de um lado o sentido, de outro certos “mal-entendidos” contingentes em sua comunicação, mas, em um só movimento, há o sentido como mal-entendido

Como não existe discurso sem sujeito, impossível haver também discurso sem ideologia. Ora, essa imposição da linguagem sobre a idealizada ação de sujeitos, fadados a lembranças e a esquecimentos, não denigre a capacidade observadora e de análise, mostrando, no entanto, uma relatividade possível em nossas percepções.

Foucault comenta as estruturas lingüísticas, dentre estas, as de função sujeito:

Eu gostaria de ter percebido em mim mesmo que no momento em que falo uma voz sem nome me precedia desde muito tempo: a mim me bastaria me colocar em cadeia, seguindo a frase, de aí me instalar, sem que eu tivesse lugar fixo, em seus interstícios, como se ela me fizesse sinal, se colocando, por um instante, em suspenso (FOUCAULT, 1971, p.7) **NA BIBLIOGRAFIA SÓ TEM DUAS OBRAS DELE E É DE 1998, QUAL É ESSA OBRA?**

Caso se optasse por outros métodos, que não a Análise do Discurso, certamente poderia-se pretender e ousar uma intimidade maior com a verdade dos fatos.

Importante lembrar que se está preso às “formações discursivas”, e, se isso é uma virtude, também é uma limitação.

Sem o radicalismo de Maingueneau, mas sem afastar muito dele, veja o que diz Eni Puccinelli Orlandi a respeito dessas formações:

[...]a noção de formação discursiva [...] é uma noção formadora da análise do discurso, na França, seja para a filosofia de Michel Foucault seja para a proposta de análise de Michel Pêcheux. Para mim, é a noção que permite ultrapassar as posições estritas do estruturalismo e guardar no entanto a perspectiva não conteudística, seja relativa ao sentido, seja ao sujeito, seja à história. As formações

discursivas, ao mesmo tempo em que determinam uma posição, não a preenchem de sentido. [...]As formações discursivas não são constituídas a priori como evidências ou lugares estabilizados mas como regiões de confronto de sentidos (ORLANDI, 1994TEM CERTEZA?AS OBRAS CITADAS NA BIBLIOGRAFIA SÃO DE 1995 E 2001, p.10-11) .

Para tornar as coisas ainda mais claras, busca-se, também, em Orlandi a definição e o conceito de “formações discursivas”:

A formação discursiva é, enfim, o lugar de constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com os outros sujeitos) e aí está a condição do famoso consenso intersubjetivo (a evidência de que eu e tu somos sujeito) em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade (Pêcheux, Les Vérités de la Palice, 1975). É nela também, como dissemos, que o sentido adquire sua unidade (ORLANDI, 1988, p.58).

Assim, dando maior contorno às exigências da metodologia de trabalho, em relação aos contatos entre realidade e representações, pode-se dizer que o discurso não tem como função constituir a representação fiel de uma realidade, mas assegurar a permanência de certa representação. Por isso há, na gênese de todo discurso, o sujeito que se constitui como autor ao constituir o texto, como bem diz Orlandi.

O discurso é tanto um lugar privilegiado de observação das relações entre língua e ideologia, como é também um lugar de mediação, de imbricação dentro do dispositivo teórico-analítico, permitindo que se visualizem em seu funcionamento os mecanismos de produção de sentidos desse material simbólico.

O discurso é também, de certa maneira, uma metáfora viva, pulsante, que requer, a cada construção, um transporte de um campo a outro. A noção de discurso que nos interessa investigar em nossos projetos apresenta-se como um objeto teórico, sem compromisso com qualquer evidência empírica.

O discurso vai trazer indícios de ruptura que o trabalho do analista procura desvendar, compreender, interpretar, através de gestos de interpretação que tentam flagrar o exato momento em que o sentido faz sentido. VERIFIQUE A

BIBLIOGRAFIA COM AS CITAÇÕES QUE VC COLOCOU

2 - MULHERES: UMA LUTA HISTÓRICA

A historiografia da mulher tem-se desenvolvido muito nos últimos tempos, dando lugar à pesquisas de inúmeros temas relacionados ao sexo feminino.

De acordo com Cardoso e Vainfas:

A emergência da história das mulheres como um campo de estudo não só acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais, como envolveu a expansão dos limites da história (1997, p. 277).

Neste contexto, com os estudos sobre as mulheres os pressupostos anteriores foram derrubados para que em seu lugar surgissem novos (pré) conceitos. Ou seja, a mulher que antes era subordinada apenas a afazeres domésticos hoje tem o seu lugar mais acentuado no mercado de trabalho assim como nos meios políticos, econômicos. A mulher não é mais, apenas, aquela das tarefas domésticas, como também assume o papel político.

Com todos os caminhos percorridos e avanços atingidos a mulher cada vez mais busca uma identidade social equiparada a do homem, ou seja, uma participação mais acentuada e adequada na sociedade, que ainda em alguns setores se mantém até de certa forma, presa aos dogmas e preconceitos machistas

de que ao homem pertence os melhores cargos e funções. No entanto, independente das dificuldades e preconceitos encontrados, a mulher continua a lutar pelo seu espaço.

A mulher tem também conseguido um grande avanço dentro da estrutura econômica. As mulheres sentem cada vez mais a necessidade de uma identidade social que não seja exclusivamente definida a partir do papel econômico do homem.

Assim, as mulheres vêm mostrando o avanço que desejam e que aos poucos estão conseguindo, dentro de uma luta de participação e conscientização, ao considerar que as dificuldades que elas enfrentam são grandes, ao levar em conta os preconceitos formais de uma sociedade machista.

Em relação à predominância de imagens nas quais se atribuíam às mulheres os papéis de vítima ou de rebelde, no passado, Nash afirma:

[...]o debate em torno da opressão da mulher e seu papel na história teria se inaugurado na década de 1940, por iniciativa da historiadora norte-americana Mary Beard, que na sua obra *Woman as force in history*, aborda a questão da marginalização da mulher nos estudos históricos. (NASH *apud* CARDOZO e VAINFAS, 1997, p.278).

De acordo com a norte-americana Mary Beard as mulheres eram pouco referenciadas, pelo fato de que a grande maioria dos historiadores eram homens e as ignoravam deixando-as marginalizadas nos estudos históricos. J.M. Hexter, em contra partida, dizia que as mulheres eram deixadas de lado porque não participaram dos grandes momentos históricos, políticos e sociais.

Outra condescendente a Hexter, era Simone de Beauvoir que afirmava que a mulher vivia em função do outro e por isso não tinha vida própria, sujeitando-se sempre ao homem.

Segundo Cardoso e Vainfas, (1997, p.278) não se pode deixar de destacar a atenção que foi dada a essa vitimização e a essa rebeldia feminina para que se pudesse, a partir daí ter uma concepção mais ampla do poder. Poder este muito disputado entre os homens e mulheres.

E toda a discussão a respeito dos direitos e deveres femininos fundamenta-se na idéia de que se os homens não dominassem sua mulheres, o seus reinados sucumbiriam.

No tocante a multiplicidade de temas a respeito da vida das mulheres, pode-se dizer que no decorrer da história foi aberta a possibilidade de discutir isso de maneira mais aprofundada. Como bem diz Cardoso e Vainfas:

Não mais apenas focalizam-se as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também introduzem-se novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros. (1997, p.280)

A partir de então, surgem novas maneiras de se apresentar a história das mulheres e portanto, dois caminhos a serem seguidos. Um que aborda os movimentos feministas e o outro que trata das manifestações informais que são representadas pelas atuações femininas.

Esta primeira vertente apresenta modelos femininos diferentes do tradicional. Não se tem a mulher sem iniciativa, passiva e fútil, e sim a mulher conseguindo competir em condição de igualdade com o homem. Pois, é “a capacidade feminina, idêntica à masculina, de fazer história, de construir a civilização.” (Cardoso e Vainfas, 1997, p.281)

Quanto ao movimento feminista pode-se dizer que houve várias reivindicações em torno da igualdade de direitos, destacando aqui o direito ao voto. As mulheres também lutaram muito pelos direitos sociais no que diz respeito a maternidade.

O segundo caminho, que é da atuação informal das mulheres retrata a história sócio-cultural que conta o seu dia-a-dia desmistificando a imagem da mulher dócil e submissa e evidenciando-lhe a sua inquestionável resistência frente as intempéries da vida.

Abordando, neste momento, a questão da relação da mulher com o trabalho, pode-se dizer que:

Os efeitos da industrialização e da modernização, no que tange ao trabalho das mulheres, têm sido amplamente discutidos, assumindo um vulto significativo na historiografia anglo-saxônica. Uma importante contribuição nesse particular decorreu das pesquisas de J. Scott e Louise A. Tilly, presentes no seu clássico trabalho “Women’s Work and the Family in Nineteenth Century Europe”. As autoras criticam as posturas evolucionistas que assumem a

existência de uma única e similar experiência para todas as mulheres(...)segundo as quais a mudança numa esfera corresponderia, necessariamente, à mudança nas demais. (Cardoso e Vainfas , 1997, p. 285.)

Com a industrialização e a modernização as mulheres foram para o mercado de trabalho e essa evasão das mulheres da casa para as fábricas gerou um conflito de interesses, pois os homens, os maridos não queriam perder a mão de obra em casa. Scott e Tilly discordam completamente de Engels e Goode que afirmam:

[...] a inserção feminina na indústria moderna libertaria a mulher trabalhadora da opressão familiar, argumentando que às mulheres excluídas de participação na produção social restaria o papel de servas do lar.Quanto a Goode, contrapõem-se ao seu otimismo – presente nas suas afirmações acerca do *status* elevado da mulher ocidental nos dias de hoje, devido à sua grande participação no trabalho fora do lar. (ENGELS E GOODE *apud* CARDOSO E vainfas , 1997, p. 285.)

Sabe-se que no período vitoriano pensava-se que as mulheres não trabalhavam, pois não era considerado trabalho os serviços domésticos e pensava-se, ainda, que trabalho pesado apenas os homens fariam. Existiam esses pensamentos porque, na verdade, as atuações femininas não eram vistas e valorizadas pelos homens.

Enfim, existia, apenas, o poderio masculino e o não reconhecimento das atividades femininas como trabalho, mesmo quando eram assalariadas.

No tocante à relação da mulher com a família e a maternidade, pode-se dizer que:

Debates se estabeleceram sobre as repercussões do processo de industrialização, urbanização e modernização na estrutura familiar. A mudança da família “tradicional”, extensa, típica do período pré-industrial, para a família nuclear seria a resultante desse processo. Nestes núcleos, segundo algumas interpretações, a participação da mulher no processo produtivo resultaria num maior igualitarismo entre o casal. (Cardoso e Vainfas , 1997, p.289)

As mulheres lançam-se ao mercado de trabalho, aumentando, desta maneira,

o seu poder de decisão na família. Só que mesmo assim várias mulheres acabaram por deixar de trabalhar nas fábricas para ficarem em suas “costumeiras tarefas femininas”.

Quanto ao direito da mulher de ter liberdade em sua reprodução, pode-se dizer que muitos impedimentos eram impostos a elas. Médicos, moralistas, todos acreditavam que a mulher só poderia mesmo servir para reprodução da espécie humana.

E já no começo dos anos 80, há a presença na Europa da prática do infanticídio e também do aborto, porque as mães queriam se livrar de seus filhos indesejados, como forma de eliminação de seus “pecados”.

Segundo Cardoso e Vainfas (1997, p. 291), o aborto e o infanticídio aconteciam porque as mães não tinham muitas vezes condição financeira razoável, ou não eram casadas e isso implicaria em muitas situações desagradáveis, pois essas mães seriam taxadas como mulheres da vida, enfim seriam martirizadas pela sociedade moralista da época.

Segundo Angus McLaren *apud* Cardoso e Vainfas é o aborto:

[...] cada vez mais praticado pelas mulheres casadas em fins do século XIX, como uma forma de feminismo popular. Era levado a efeito por mulheres que recusavam os horrores do infanticídio mas que também se dispunham a reagir ao peso de nascimentos não desejados. (1997, p.291)

Segundo os moralistas da época, o aborto e o infanticídio eram praticados pelas adúlteras, devassas e, também pelas intelectuais, pois, as outras mulheres que eram “decentes” não se prestariam a esse papel.

Muitas dessas mulheres eram provenientes de cidades do interior e praticavam o aborto por não serem casadas e porque os homens as abandonavam grávidas e sem dinheiro. E como estavam na cidade grande precisavam trabalhar, no entanto, grávidas não encontrariam empregos para se sustentarem e, voltar para a cidade de onde vieram significava uma derrota muito grande.

Mas nem só de trabalho vivem as mulheres, existem outros fatores muito importantes para elas, por exemplo, a sexualidade, o direito de amar, a paixão, o desejo, as emoções, enfim novos temas foram surgindo no universo feminino.

A vontade de se libertar do poder do homens, para que assim pudesse sentir

todas as emoções as quais tinham direito, era grande, por isso as mulheres lutaram e conquistaram um novo espaço.

Segundo Cardoso e Vainfas:

Abrem-se, assim, duas possibilidades mais importantes para as abordagens da sexualidade como objeto da história [...] O primeiro caminho orienta-se no sentido de uma história dos discursos sobre o sexo, no qual Foucault representa um marco fundamental, questionando, entre outras coisas, o caráter puramente repressivo de tais discursos. O outro caminho aponta para uma história das vivências e do cotidiano da sexualidade, priorizando o estudo dos comportamentos reveladores dos variados usos do corpo. (1997, p.298)

Na história a mulher é sempre tida como vítima ou como rebelde, ou, ainda, as duas coisas. Ou aceita o que lhe é imposto ou luta veementemente contra tudo e todos. Enfim, a mulher nunca é capaz de criar alguma coisa, simplesmente aceita ou nega.

A colaboração de Foucault para luta feminina foi essencial. Para o teórico:

Muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade: todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer. (CARDOSO e VAINFAS, 1997, p.301.)

A repressão é vista por um novo olhar, não se pensa mais a sexualidade com temor, na sociedade moderna. A repressão funcionava, segundo Foucault, como uma forma de poder. Eram impostas “regras” à sociedade para que não se pudesse vivenciar, as paixões, o desejo, as emoções da vida. Reprimiam toda manifestação de natureza sexual, no que tange às mulheres.

As mulheres têm conquistado muitas coisas ao longo do tempo. Hoje em dia, além dos direitos civis, as mulheres conseguiram muitas coisas no aspecto social, econômico, educacional e amoroso.

Para quem não tinha direitos e uma identidade até bem pouco tempo, até que as mulheres conquistaram algum poder. E isso foi fruto de lutas, como veremos a seguir.

CORRIGIR

2.2 – O DISCURSO FEMINISTA NO SÉCULO XX

O feminismo é o movimento social que defende igualdade de direitos e status entre homens e mulheres. Embora ao longo da história diversas correntes filosóficas e religiosas tenham defendido a dignidade e os direitos da mulher, o movimento feminista remonta mais propriamente à revolução francesa.

A partir daí as mulheres começaram a denunciar a sujeição em que eram mantidas e que se manifestava na parte política, econômica, social, educacional, etc.

O feminismo, então, como movimento social que defende a igualdade entre os direitos e os deveres do homem e da mulher, surge com as muitas revoluções que houve proclamando, protestando contra as injustiças cometidas contra as mulheres.

Como exemplo, destes protestos, pode-se falar das francesas que desde o início participaram ativamente da vida política e lutaram por seus direitos e pelo papel social que lhe era adequado.

Ainda no século XX, cabiam à mulher ocupações relacionadas à maternidade, ou seja, amamentar os recém-nascidos e alimentar e educar as crianças, o que implicava no trabalho de cuidar da casa, o homem era o único provedor da casa, ou seja, a alimentação da família era sua obrigação.

Assim, com a crescente industrialização, que aconteceu no início do século XIX, as mulheres foram cada vez mais abandonando seus lares para empregarem-se como assalariadas nas indústrias e oficinas.

Dessa forma, acabaram encontrando a dura realidade: se os homens - operários - da época já eram mal pagos, elas recebiam menos ainda. Assim, era mais vantajoso dar emprego às mulheres que aos homens, e, desta maneira, estes últimos viram-se envolvidos em uma concorrência, em relação a emprego, com o outro sexo.

Quando as mulheres mostraram a sua capacidade de contribuir para o sustento de suas famílias, não se podia mais tratá-las apenas como objetos de prazer e simples donas-de-casa.

Mas, ainda tinha muita coisa a conquistar, haja vista as difíceis condições de trabalho impostas às mulheres. Com isso, as mulheres começaram fazer reivindicações, como por exemplo: o direito de voto, o de escolha de domicílio e o de trabalho, independentemente da autorização do marido.

No século XX, a situação já era outra, pois a revolução russa de 1917 concedeu o direito de voto às mulheres e após a segunda guerra mundial, o feminismo ressurgiu com vigor redobrado.

Agora já não se tratava mais de conquistar direitos civis para as mulheres, e sim de descrever sua condição de oprimida pela cultura masculina, de revelar os mecanismos psicológicos dessa marginalização e de projetar estratégias capazes de proporcionar às mulheres uma liberação integral que incluísse também o corpo e os desejos.

Além disso, conta-se entre as reivindicações do movimento feminista moderno, a interrupção voluntária da gravidez, bem como a igualdade nos salários e a conquista dos postos de responsabilidade, que, anteriormente, era unicamente do universo masculino.

Muitos viram no movimento feminista uma masculinização, como se a mulher pretendesse exibir predicados masculinos, repudiando os femininos.

Por essa razão foram necessárias campanhas em favor de um novo modo de pensar – para que mulher pudesse ter a nova vida almejada. E foi por causa de sua maior participação no setor econômico que foi necessário que a mulher participasse também das decisões políticas tomadas no controle da economia e do bem estar social.

Corroborando com a causa feminina, no que diz respeito aos direitos da mulher, se realiza, em São Paulo, em 1922, a Semana de Arte Moderna, com o objetivo de sacudir a opinião pública e incentivar o progresso no campo cultural em favor de uma mudança de hábitos e de valores sociais.

A Semana serviu para maior projeção de figuras femininas admiráveis na época, e que contavam já com o respeito do público, sem que, no entanto, fosse reivindicado objetivamente pelo movimento um novo status para a mulher.

Lutando contra preconceitos e tentando assumir seu lugar na história, as mulheres fazem de tudo para divulgar suas idéias – vão para as praças, escrevem, discutem, questionam, enfim, mostram a sua força e vontade de mudar a situação de subjugação.

Com esses questionamentos sociais, escritores não perdem tempo e criam personagens femininas marcantes, objetivando atingir o principal público das histórias - no caso o homem - fossem essas histórias jornalísticas ou literárias.

Assim, se, por um lado, ascender ao papel de protagonistas e ganhar maior visibilidade num veículo de comunicação, como os jornais e os livros literários, é uma vitória das mulheres, por outro, a nova mulher, que reivindica igualdade de direitos com os homens, não consegue se identificar com sua representação de papel.

Isso, porque as personagens femininas, que passam a habitar as histórias, independentes e liberadas, não são uma criação das mulheres, mas uma visão masculina sobre os modelos reivindicados por mulheres no mundo todo.

Deste modo, essa visão masculina não consegue escapar de uma outra representação que é aquela que eles consideram como feminino.

A mulher encontrada é aquela que a sociedade dirigida pelos homens espera ver representada, deste modo, impõe-se como uma marionete e extrai a sua força do fato de que esse ser pré-moldado deve obedecer estritamente ao que os homens querem ver como nova mulher.

A imagem da mulher é visualizada pela ótica masculina, não se tem uma mulher construída apenas a partir do feminismo – da força e do querer feminino - mas uma dissimulação de uma “nova” mulher, porque é o homem que dita as regras de como deve ser essa nova “criatura”.

Com as revoluções, o homem não tinha outro caminho a seguir a não ser concordar com os direitos que as mulheres queriam para si, no entanto, não podiam abrir tantos espaços assim, por isso resolveu fazer parte, também, dessa luta e ter, de certo modo, o controle da situação.

Com o movimento, as mulheres conquistaram algumas coisas, no entanto a mesma imagem que o homem tinha da mulher continuou, ou seja, aquela visão de que a mulher, mesmo trabalhando fora, ainda tem a obrigação com os serviços domésticos e com os filhos - tendo que aceitar tudo o que o marido impusesse até mesmo as infidelidades conjugais – permaneceu mesmo depois deste movimento feminista.

2.4 – UMA QUESTÃO DE GÊNERO: O GÊNERO FEMININO

Como diz Cardoso e Vainfas sobre a questão do Gênero:

Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. (1997, p.279)

A luta do feminismo dos anos 60 partiu da meta de igualdade nas diferenças sexuais. Reivindicando a não-hierarquização das especificidades de homens e mulheres, estas almejavam uma igualdade social que reconhecia as diferenças, hoje expressa na noção de “igualdade de gênero”.

Observa-se que o gênero tem um papel fundamental:

O Gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. (CARDOSO e VAINFAS, 1997, p. 279)

Esse papel se evidencia na "divisão sexual do trabalho" que o feminismo questionou, afinal, a identidade masculina assume seu atributo de provedor, e a feminina o seu papel de doméstica, reprodutiva e de mãe.

Em termos de sexualidade, pode-se citar aqui que:

[...] a libertação feminina condicionava-se à transformação das quatro estruturas em que se integra a mulher: produção, reprodução, socialização e sexualidade. (CARDOSO e VAINFAS, 1997, p.292)

Porque até então, tanto a produção, socialização, quanto a sexualidade era estritamente um direito masculino, até mesmo a reprodução. Por exemplo, quanto à sexualidade, o homem, desde cedo, usufruía fora do âmbito familiar/reprodutivo, enquanto a mulher era limitada à reprodução de filhos legítimos. O movimento

feminista revelou e repudiou essa definição da mulher como reprodutora e confinada à esfera do lar, como uma pessoa vulnerável e subjugada.

A mulher passa a reivindicar seu direito a reprodução, porque poder controlar a fecundidade seria uma condição essencial na luta pela igualdade social dos gêneros na sociedade, onde a família foi desvalorizada, enquanto os valores dominantes eram referidos à atuação no mundo público.

Com o controle da reprodução a mulheres conquistam condições mais igualitárias, livres da ameaça da gravidez não-desejada, para concorrer na vida pública da política e do trabalho remunerado. Com:

(...) a primeira revolução industrial, as mulheres lançaram-se com enorme entusiasmo ao mercado de trabalho. E seu acesso aos recursos econômicos modificaria, em seu proveito, a relação de forças no seio da família. (...) (1997, p.289)

Foram reivindicadas, em primeiro plano, condições de controlar o corpo para evitar a reprodução, recusando a definição hegemônica da identidade feminina e sua redução à maternidade.

No entanto, mesmo com a:

(...) industrialização, a vasta maioria das mulheres não teria trabalhado imediatamente em fábricas, mas nas costumeiras tarefas femininas. (1997, p.289)

Do ponto de vista da igualdade de gênero, as especificidades das mulheres são todas relacionadas com diferenças sexuais que, elaboradas no social, irradiam desde as vivências sexuais e reprodutivas mais íntimas, até a arquitetura de redutos do poder como congressos nacionais onde não há provisão de banheiros femininos, passando por identidades pessoais, símbolos culturais, normas e instituições sociais, leis, etc.

No entanto, igualdade se refere não a toda diferença, mas a diferenças que

são consideradas injustas. Foram priorizados, neste movimento, os espaços e valores públicos a serem conquistados, e os direitos de não reproduzir, sob o entendimento de que isso já estava imposto.

Com isso, foi deixada em segundo plano a análise das condições concretas para exercitar a maternidade, altamente diferenciadas entre grupos sociais, apesar da hegemônica homogeneização ideológica das mulheres.

No ano de 1975 - Ano Internacional da Mulher - as redes feministas são convidadas a ocupar espaço crescente na articulação de definições, declarações e documentos internacionais sobre estes direitos.

A partir do Gênero um marco se firmou na história da luta feminista, pode-se dizer que ele abriu novos caminhos. Então, a história da mulher seria representada sob outra perspectiva, com o auxílio desse Gênero. A voz da mulher seria ouvida. O excerto abaixo representa bem essa idéia:

A maneira como esta nova história iria incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira como o gênero poderia ser desenvolvido como uma categoria de análise. Tornam-se explícitas as preocupações de articular o gênero com a classe e a raça. O interesse por estas categorias assinala não apenas o compromisso do historiador com uma história que inclua a fala dos oprimidos, mas também que esses pesquisadores consideram que as desigualdades de poder se organizam, no mínimo, conforme estes três eixos. (Ibidem)

Quanto ao gênero, Joan Scott argumenta que:

(...) no seu uso descritivo, o gênero é, apenas, um conceito associado ao estudo das coisas relativas às mulheres, mas não tem a força de análise suficiente para interrogar e mudar os paradigmas históricos existentes. (CARDOSO, VAINFAS; p.280, 1997)

Sobre a necessidade da construção imediata de uma teoria feminista, Maria Odila da Silva Dias discorda, pois segundo ela:

(...) mais cabe ao pensamento feminino destruir parâmetros herdados, do que construir marcos teóricos muito nítidos. Assim, para melhor integrar a experiência das mulheres em sociedade, sugere partir de conceitos provisórios e assumir abordagens teóricas parciais, pois, segundo a mesma, o saber teórico implica também um sistema de dominação. (Idem)

Enfim, a luta, o dualismo entre os sexos é um outro aspecto que se ressalta dos estudos sobre gênero, pois:

(...) reside na rejeição ao caráter fixo e permanente da oposição binária – masculino *versus* feminino – que, por tanto tempo, alimentou as demandas feministas. Para isso, enfatiza-se a importância de uma desconstrução autêntica, nos termos de Jacques Derrida; revertendo-se e deslocando-se a construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como óbvio ou como estando na natureza das coisas – antevendo-se para o futuro a transcendência dessa dualidade cultural. (Cardoso, Vainfas, p.279)

3 – ANÁLISE DO TEXTO *FOI SONHO*, DE MÁRIO DE ANDRADE.

Sabe-se, o discurso fornece ao interlocutor:

(...) representações que funcionam como ‘chaves’ para compreensão de diferentes discursos e textos. Nesse contexto os processos cognitivos de manipulação pré-supõe que a nossa memória de longo termo não apenas armazena experiências pessoais subjetivamente interpretadas como os modelos mentais, mas também crenças gerais compartilhadas que podem ser denominadas representações sociais (...) Embora a manipulação possa afetar, de forma concreta, a formação ou mudança dos modelos pessoais, as metas gerais do discurso de manipulação são: o controle das representações sociais compartilhadas de grupos de pessoas, pois controlam o que falamos escrevemos e compreendemos. (Sgarbieri, ano, p.)

Assim, entrando na questão do uso da palavra, tomar-se-á como instrumento de análise o conto *Foi Sonho* de Mário de Andrade. Com uma prática discursiva, o escritor consegue criar o que leva a identificar uma inter-relação com vários discursos, principalmente o social e o histórico-cultural.

Como no excerto da Sgarbieri anteriormente citado, há certa manipulação, uma intenção ao se representar os diferentes discursos. Ora, o discurso é a arma mais potente que o homem tem em suas mãos, por isso não deixa passar a oportunidade de impor seus ideais por meio da palavra, como é o caso que se está analisando.

Nesse conto, saltam aos olhos o momento histórico e cultural daquela época, pois se identifica a construção de perfis femininos que são cantados pelo autor de *Foi Sonho*. Mário de Andrade consegue tematizar a figura feminina usando a voz masculina. Sempre relegando a mulher ao nível da submissão absoluta.

Colocando-se com um pensamento masculino, consegue revelar os desejos e insatisfações, não da condição feminina, mas da condição masculina, conseguindo moldar as personagens a um discurso masculinizado, fazendo com que o universo feminino seja restrito a idéias patriarcais.

Ao se analisar de forma superficial esse conto, tem-se a idéia de que um homem fala com uma mulher sobre os desejos, o orgulho, o poder e a soberania do homem, da necessidade de ser e poder ser.

Até na escolha do tipo de discurso, se é direto, indireto, ou direto e indireto, aparece esse querer ser e querer poder do homem, pois como bem se sabe, ao assumir um discurso, o autor quer deixar claro que se responsabiliza pelo que disse. E mais, acredita no que disse, logo assume o dito, o não dito, enfim, apresenta a todos o seu modo de ver a vida, os seus ideais. Dá sua mão a palmatória.

Como bem diz Maingueneau (2005, p. 142):

A escolha do discurso direto como modo de discurso relatado geralmente está ligada ao gênero do discurso em questão ou às estratégias de cada texto.

Neste conto, o autor utiliza o discurso direto porque quer que a argumentação seja assumida pelo homem, que no caso é a personagem principal. Eram veiculadas em *Foi Sonho* informações sócio-culturais imanentes á sociedade daquela época, por isso a personagem assume esse discurso machista com tanta prepotência. Afinal, tudo estava a seu favor, a época lhe pertencia, era o século dos chefes da casa: os homens.

O texto é construído sob a ótica masculina, o que rebaixa a mulher a um nível nada digno, haja vista o direito de igualdade que não é respeitado – óbvio que não é apenas esse direito que não é respeitado.

Assim, no texto tem-se a primeira e a segunda pessoa no discurso – a segunda, aparece como uma voz calada, passiva e obediente.

Há uma voz do discurso que tece a história, no caso a voz masculina. “Antão, Frorinda, que é isso! Você ta loca...”.

A partir de uma análise, então, é produzido e reproduzido discursos que são representantes do pensamento e da cultura instaurada no contexto em questão, que no caso é o universo do conto *Foi Sonho* de Mário de Andrade e sobressai, daí, os diferentes modos de representar essa realidade, estabelecendo relações sociais entre esses dois mundos, que são: o masculino e o feminino.

Eu quis mulé foi pá ta im casa me sirvindo cum duçura...

Percebe-se, no trecho supracitado, que a imagem da mulher é narrada segundo a visão masculina – é assim que o homem vê e quer a mulher, calada e servil - lembrando-a que o seu lugar é na subjugação e no silêncio.

No conto de Mário de Andrade *Foi Sonho*, o autor carrega nas tintas a soberania masculina, massacrando, deste modo, a mulher, que sempre foi subjugada.

Essa imagem que se tinha da mulher no século XX – que é a mulher sempre aceitando o que o homem impõe – é duradoura e ficou impregnada na cultura, não apenas daquela época, como na contemporaneidade.

Neste texto, tem-se um estereótipo masculino muito comum. Um homem que usa o fato de ser Homem para justificar os seus erros, fazendo, desta forma, uma pressão psicológica para atingir a mulher e fazê-la entender os motivos que o levou a traí-la. Veja o excerto abaixo:

Será que você qué abandona seu negro prucauso de outra muié?...Inda que eu fosse um desses miserave que dêxum farta inté pão em casa, mais eu, Frorinda! Que nunca te deixei sem surtimento! E inté trago tudo de sobra pá gente pude sê filiz...

Há que se ressaltar que apesar de toda superioridade demonstrada pelo homem, nota-se, por exemplo, neste trecho acima, uma maneira carinhosa dele tratar a esposa. Esse carinho se dá porque, na verdade, este homem subestima a inteligência da mulher.

Essa separação entre os deveres dos homens e das mulheres está tão enraizada, é tão intrínseca que o personagem faz, sem, nem mesmo perceber, que está sendo injusto e machista.

O homem é o narrador e as ações narradas por ele têm uma idéia central machista. Através da atitude do narrador, tem-se a percepção de diferentes concepções a respeito da vida social, de valores e ações humanas.

Como já foi dito, a relação discursiva se mostra através do poder que o homem exerce sobre a mulher, ele se mostra autoritário pelo simples fato de ser homem e marido, como se vê neste trecho: “Eu quis mulé foi pá ta im casa me sirvindo cum duçura...”.

No cotidiano estão os homens, portadores da soberania social, construtores e transmissores de um conceito retrógrado, bem como de um pensar – quase sempre autoritário que subjuga, menospreza e humilha a mulher com suas palavras e pensamentos machistas, como se pode ver abaixo:

Im veiz de saí de casa toda chorano, me chamando de “sem-vergonha”, sem-vergonha não! Que eu sempe tive vergonha na vida, num robô, num bebo, numca fiz má pra ninguém! Vô faze má é pra mim, praque se ocê me dexá sinto que vô sofre demais de te vê desgraçada.

Mário de Andrade utiliza o discurso direto, enfatizando a voz masculina, passando a idéia de poder absoluto do homem e uma idéia de aceite, subjugação por parte da “Frorinda”, haja vista que esta ouve tudo calada e não contesta.

A relação social neste discurso se apresenta através do “machismo”, da soberania e do poder do homem, bem como da submissão da “Frorinda”, que não questiona, não contesta o comportamento abusivo de seu esposo que, neste conto de Mário de Andrade, não perde tempo em demonstrar o seu poder de persuasão, ocorrendo, desta forma, um equilíbrio entre o poder e a submissão.

Esta análise do discurso permite observar a variedade de interpretações que se é possível fazer, graças aos recursos da linguagem.

Através da dinamicidade do discurso e da sua relação intertextual com outros tipos de discursos, no caso o discurso social, é possível encontrar signos, de

reformular, produzir ou formular idéias relacionadas com pensamentos sociais, históricos, políticos e culturais.

Todo e qualquer discurso se relaciona com os demais discursos, de acordo com a posição que eles assumem no campo das lutas sociais e ideológicas. Isso significa que por meio do diálogo, o indivíduo manterá ou não a sua posição a respeito dos assuntos que o cerca.

O diálogo não significa apenas a comunicação entre duas pessoas, refere-se ao amplo intercâmbio de discursos, tanto na dimensão sincrônica, como na diacrônica manifestados pela sociedade.

Esses discursos são como momentos, em que se percebe a manifestação de conhecimentos e um grande processo de transformação de uma sociedade. Não é possível, então, isolar os atos de comunicação, a linguagem, os discursos.

Ambos estão interligados a uma cadeia que tem significado efêmero, que dependendo de um dado histórico, político, econômico ou cultural, pode tomar outras significações. Só se produzirá sentidos se se levar em conta o contexto, na qual o discurso esteja inserido.

E o homem é o personagem principal, porque é ele que produz o sentido sobre algo e com isso, vem a reflexão, que impulsiona as possíveis transformações, que junto com a poética, que é “o discurso da existência humana”, poderão reescrever todo e qualquer discurso que venha surgir dentro do mundo real ou irreal.

E essa transformação é, absolutamente, a grande questão, porque ao analisar um texto, um conto, enfim, uma obra para descobrir a visão que se tinha da mulher no século XX, está se fomentando grandes questionamentos em relação a posição da mulher na sociedade, no caso, daquela época. Conhecer para transformar a realidade, conhecer pela ficção o que foi real um dia.

As personagens no conto não gozam de grande variedade de características, tampouco de acentuada profundidade psicológica. Podem ser, portanto, caracterizadas como personagens planas, pois seu comportamento pouco evolui com o decorrer da narrativa. Todos são de certa forma, tipos.

O “marido” é a personagem que possui um maior desenvolvimento psicológico, todavia não a ponto de que se possa considerá-lo uma personagem redonda.

O homem não é só o opressor que se desumaniza; também no oprimido a desumanização não é menos fatal e a mulher é sempre incapaz de contestar a autoridade arbitrária do marido.

Tem-se, no conto, um verdadeiro corte da sociedade do século XX. O “marido” é representante do estilo machista e conservador que continua, em parte, presa a velhos preceitos autoritários e paternalistas típicos do colonialismo.

Ao mesmo tempo, a “Frorinda” é um pequeno retrato da exploração e da submissão. Em "Foi Sonho", observa-se a existência de um narrador (1ª pessoa), dotado de onisciência e onipresença.

A linguagem é o ponto alto do conto, no que se refere à sua proposta experimental e estética, uma vez que o narrador se expressa através de um português popular, coloquial, cheio de "brasileirismos". Por exemplo: “Dexa disso Frorinda!”

O tema a partir do qual se estrutura a narrativa em "Foi Sonho" diz respeito à *exploração da mulher pelo homem*. Da exposição do assunto, obtém-se a seguinte mensagem: Nada pode contentar aquele que tem seus princípios baseados no autoritarismo, apenas o exercício da autoridade em si, não importando os valores éticos, humanos, materiais e morais que estejam envolvidos.

No cotidiano estão os homens, portadores da soberania social, construtores e transmissores de um conceito retrógrado, bem como de um pensar – quase sempre autoritário que subjuga, menospreza e humilha a mulher com suas palavras e pensamentos machistas, como se pode ver abaixo:

Im veiz de saí de casa toda chorano, me chamando de “sem-vergonha”, sem-vergonha não! Que eu sempe tive vergonha na vida, num robô, num bebo, numca fiz má pra ninguém! Vô faze má é pra mim, praque se ocê me dexá sinto que vô sofre demais de te vê desgraçada.

CONCLUSÃO

Passando, pois, do discurso aos ideais, ficou claro o que tanto se pretendeu durante esse trabalho: Ficou clara a visão que o homem tinha da mulher no século XX, que posso adiantar um pouco aqui: O homem era sim prepotente, egoísta e achava-se o dono do mundo, mas não porque era por prazer e sim porque essa era a ideologia, a cultura na qual ele estava inserido.

Da história genealógica de Michel Foucault às inovações trazidas pelos estudos das mulheres e das relações de gênero, um amplo campo de possibilidades se abre para o conhecimento do passado e para as invenções do presente.

Para aqueles que buscavam o conforto das continuidades históricas, que legitimam o presente, ao construir identidades fixas e assegurar-nos da existência de um passado organizado, à espera de ser desvelado pelo historiador, a história genealógica de Foucault, trazendo as noções de acaso e descontinuidade provocou reações desconcertantes.

Do mesmo modo, a visibilidade conquistada pelas mulheres, introduzindo temas, conceitos e reflexões específicas atingiram consideravelmente as meta narrativas ocidentais, masculinas e universalizantes, desafiando as hierarquias sociais e sexuais tradicionais.

Convergentes, o pós-estruturalismo e o feminismo postularam a morte do sujeito universal, racional e supra-histórico e atentaram para as formas de operação dos discursos enquanto práticas instituintes, não apenas reflexo.

Crítica do essencialismo, busca das experiências cotidianas, análise dos poderes, dos modos de sujeição/subjetivação do indivíduo, a história mudou seus rumos, nas últimas décadas, abrindo espaço para novas inquietações temáticas, para novas formas de problematização e para outros procedimentos metodológicos.

Deslocava-se o eixo da análise da política e economia para os poderes constitutivos das relações sociais e sexuais.

Discutiam-se as formas por meio das quais as práticas culturais e sociais têm sido colonizadas, deslocadas e substituídas, em movimentos sutis: de reflexo da

infra-estrutura socioeconômica, a cultura assumia um papel fundamental na produção da própria sociedade. A história cultural se fortalecia.

Especialmente a partir de Foucault, a percepção do exercício do poder ampliou-se, ao ser deslocado do campo da "ideologia" para o do duplo poder, de sua incidência sobre a alma e sobre as idéias para a construção mesma do corpo e dos espaços.

Não apenas repressivo, o poder passa a ser visto como produtivo e constitutivo dos comportamentos, gestos e gostos, dos modos de sentir e de organizar a própria vida social e a cidade. O corpo ganha materialidade e o pensamento, uma outra história.

O movimento feminista trazia, num primeiro momento, as mulheres enquanto sujeitos históricos ativos e, num segundo, alargava o campo temático com a valorização da "cultura feminina".

A história focalizava, então, não apenas o mundo público, das lutas, guerras e revoluções, mas as histórias da vida privada, o cotidiano da família burguesa e operária, ou a vida nas fazendas; percebia o corpo e a sexualidade, tanto quanto a maternidade, o aborto, o amor, o adultério e a prostituição. Questionava-se o discurso histórico masculino, revelando sua dimensão de gênero, para além de sua determinação.

Descobria-se uma nova função para si mesma: a de deslegitimar o presente, revelando sua historicidade, mostrando que o que é poderia ser diferente, que tudo é histórico e não natural, e que, portanto, pode-se ser diferente do que se é e construir outros mundos, novas possibilidades de existência, mais justas e libertárias.

Quanto a Análise do Discurso pode-se dizer que permite ver a grande força de consolidação do discurso sobre o olhar do homem sobre a mulher feita por meio desse conto. Cita-se exemplo que comprova este olhar sobre o assunto. O que dizer do conto *Foi Sonho*, descrevendo por completo e com detalhes a vida de certo senhor, contando suas venturas e desventuras.

Foi Sonho exalta os ideais dos homens do século XX, mostrando aos seus interlocutores o seu poderio e a sua soberania natural. Levando em conta que este conto mostra a continuidade e a força do discurso de enaltecimento do “machismo”.

Observa-se tudo isso, na utilização das ferramentas da análise do discurso, como por exemplo: a recorrência do discurso direto, as condições de produção e interdiscurso, as paráfrases, as polissemias, a ideologia e o sujeito.

O modo como foram utilizados esses recursos indica ao interlocutor o ambiente e as condições psicológicas, sociais e culturais as quais a mulher do século XX era e estava submetida.

Discursos existem muitos. Cada um é utilizado dependendo da situação, do que se está querendo, por isso quem escreve deve conhecer muito bem cada um deles. No caso da transmissão de um pensamento, de uma ideologia, pode-se usar o discurso social que retrata a “realidade” na perspectiva do autor, é claro.

Como se sabe o discurso Social, no caso do analisado conto, foi utilizado para a transmissão dos mecanismos de controle do patriarcado, feitos através da figura masculina.

Contribuindo para a propagação dos ideais anti-feminista, depois contribuiu, também, em peso para popularizar e banalizar o discurso social sobre a mulher.

A mesa vira-se lentamente, a figura feminina já fez há décadas uma ruptura com o discurso tradicional sobre todos os conceitos que existiam sobre as mulheres.

Acaba-se por chegar à atualidade que está aí inegável, com as conquistas das mulheres em todos os segmentos da sociedade, quer político, social ou cultural.

Isso se deve a luta eterna das mulheres por seus direitos, bem como aos homens que, cada dia que passa, se convencem mais e mais da, também, soberana vocação das mulheres.

O “machismo” de outrora desaparece para surgir o modelo do novo homem, terno e companheiro.

Mas, ainda assim, as mulheres não são protagonistas da história, pois não existem antes da sociedade ou da cultura, são constituídas pelos discursos classificatórios.

Talvez a idéia da categoria mulher enquanto um sujeito universal caracterizado pelo corpo (sexualizado) pode ser vista como uma das barreiras que

impede a construção da representação das mulheres como seres livres e atuantes, sem o jugo do homem.

Passando, pois, do discurso aos ideais, ficou claro o que tanto se pretendeu durante esse trabalho: Ficou clara a visão que o homem tinha da mulher no século XX, que posso adiantar um pouco aqui: O homem era sim prepotente, egoísta e achava-se o dono do mundo, mas não porque era por prazer e sim porque essa era a ideologia, a cultura na qual ele estava inserido.

Muito tem que se fazer, ainda, para que as mulheres sejam consideradas seres livres: livre desse conceito de que às mulheres cabe cuidar do marido, da casa, dos filhos, mesmo que tiver uma profissão (trabalho fora da casa). E a esse marido apenas cumprir sua função de homem (obrigações conjugais), mesmo que nem trabalho tenha para sustentar sua família.

Não importa, ele é homem e não pode dividir as tarefas diárias com sua esposa. Ela tem que se encarregar de tudo, afinal, nasceu submissa, nasceu para servir ao homem.

Como se viu, no decorrer deste trabalho, a mulher desde os primórdios tem uma história de servidão e não mudará tão facilmente. Por mais que as mulheres tenham conquistado muitas coisas, ainda falta muito para que se atinja a perfeição. Mas, há que se conseguir isso, pois garra não falta a essas criaturas tão guerreiras e ao mesmo tempo tão dóceis.

BIBLIOGRAFIA

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso: Literatura e História**. Série Princípios; São Paulo; editora: Ática, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição Francesa Tzvetan Todorov. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DUCROT, O. **O Dizer e o Dito**. São Paulo, Pontes, 1987.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.-a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Loyola, 1998. -b.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GREGOLIN, Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. – 4ª ed. - São Paulo: Cortez, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1989.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do Discurso**. MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs). Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo, Vigília, 1995.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Campinas, UNICAMP Editora, 1988.

www.discurso.ufrgs.br/glossario.html